



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

SANDILMA SERAFIM DA SILVA

O CINEMA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA
NO ENSINO DE GEOGRAFIA

CATOLÉ DO ROCHA- PB

2014

SANDILMA SERAFIM DA SILVA

**O CINEMA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA
NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba – Campus IV, como
cumprimento de um dos requisitos
necessários para a obtenção do grau de
especialista.

Orientador: **Profº. Ms. Rômulo César
Araújo Lima**

CATOLÉ DO ROCHA- PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Sandilma Serafim da
O cinema como estratégia pedagógica no ensino de geografia
[manuscrito] / Sandilma Serafim da Silva. - 2014.
45 p. : il. color.

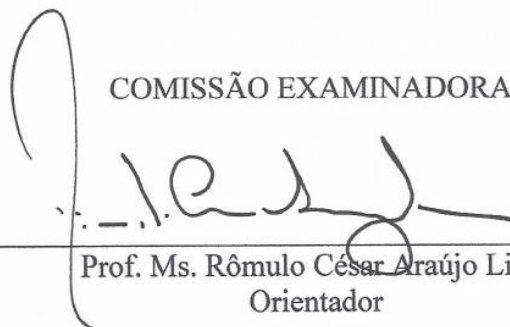
Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.
"Orientação: Rômulo César Araújo Lima, Ciências humanas e agrárias".

1. Cinema. 2. Estratégia Pedagógica. 3. Ensino de Geografia. 4. Realidade sócio educacional do aluno. I. Título.
21. ed. CDD 372.891

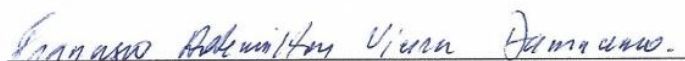
SANDILMA SERAFIM DA SILVA

**O CINEMA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE
GEOGRAFIA**

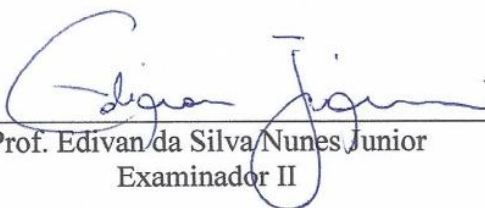
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Ms. Rômulo César Araújo Lima
Orientador



Prof. Francisco Ademilton Vieira Damaceno
Examinador I



Prof. Edivan da Silva Nunes Junior
Examinador II

Aprovado em 06/12/2014

Ao meu **Deus**, pela presença constante em todos os momentos da minha vida!

Dedico!

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, minha fortaleza e meu refúgio em todos os momentos da vida.

Aos meus pais, Maria Geralda e José Serafim, que são meu alicerce, meu refúgio. Obrigada por serem exemplo de perfeição e dedicação a nossa família.

Aos meus irmãos, Sanduhi e Sanielly, pelo carinho e atenção.

As minhas avós Raimunda e Adelaide, por estarem sempre torcendo e rezando para que meus objetivos sejam alcançados.

Ao meu namorado, Idomax, pela paciência e apoio durante os momentos difíceis e atribulados dessa jornada. Obrigada por todo amor, carinho e atenção.

De maneira especial e única os maiores e mais sinceros agradecimentos ao meu querido orientador Rômulo Lima. Sou grata pela orientação, atenção e carinho. Obrigada por tudo!

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

A todos os professores do curso de Especialização da UEPB, campus de Catolé do Rocha. Cada um de forma especial contribuiu para a conclusão desse trabalho e conseqüentemente para minha formação profissional.

Aos professores que compuseram a banca: Damaceno e Edivan por oferecerem seus apontamentos e sugestões! De modo especial agradeço pelos ensinamentos e principalmente por participarem desse momento tão importante para minha formação.

E não posso deixar de agradecer a todos os que me apoiaram ou colocaram obstáculos a meus anseios, pois me deram incentivos que possibilitou meu crescimento seja pessoal ou intelectual. Enfim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para que este trabalho conseguisse atingir os objetivos propostos.

A todos vocês, o meu carinho e muito obrigada!

Sandilma Serafim da Silva

RESUMO

O presente estudo de caráter bibliográfico tem como foco “O cinema como estratégia pedagógica no ensino de Geografia”, no qual buscar resgatar subsídios teóricos e vivenciais com enfoques no cinema brasileiro. Desse modo, centra seu objetivo numa análise da contribuição que o cinema pode oferecer ao ensino de Geografia, bem como, verificar a relação existente do cinema com a realidade sócia educacional do aluno como forma buscar de novos conhecimentos no componente curricular de Geografia. Assim, o estudo focaliza seu eixo temático direcionado para os tópicos: o ensino da Geografia na atualidade, tendo como parâmetro a crise do estudo em sala de aula, observando as possibilidades de trabalhar a Geografia com a adesão dos sujeitos da aprendizagem; o cinema num enfoque histórico, resgatando-o como a sétima arte e sua atuação no Brasil, com destaque a filmes que representam o movimento do cinema novo no Brasil e sua caracterização e o cinema no ensino de Geografia no espaço escolar, com os recursos que ajudam; as contribuições das novas tecnologias na inserção do cinema em sala de aula e as sugestões e procedimentos ao utilizar o cinema em sala de aula no ensino de geografia, tendo como foco central o filme de título “Casa de Areia” um filme brasileiro que surgiu no século XX, no ano de 2005, que se caracteriza como o gênero ‘drama’, que é dirigido por Andrucha Waddington¹, o desfecho acontece nos “lenções maranhense” do município de Santo Amaro do estado do Maranhão no Nordeste brasileiro. Para tanto, buscou-se literatura em autores que abordam a temática do cinema trabalhado em sala de aula, assim como, sua importância no ensino de geografia. Dentre eles com destaque: Vesentini (2004), Lacoste (1988), Castrogiovanni (2007), Boechat (1998), Campos (2006), Libâneo (2002), Louro (2003), Geise (2004), Bernardet (1980), Napolitano (2008), Mascarello, (2012 - História do Cinema Mundial), Neves (2010), Gusmão e Sampaio (2005), Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), entre outros, que abordam a temática em estudo.

Palavras-chave: Cinema. Estratégia pedagógica. Ensino de Geografia. Realidade sócia educacional do aluno.

¹Andrew “Andrucha” Waddington (Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1970) - diretor e produtor de cinema e publicidade brasileiro. É um dos sócios da Conspiração Filmes, junto com o cunhado, o diretor Cláudio Torres. É casado com a atriz Fernanda Torres. Escreveu a casa de areia entre outros Filmografia.

ABSTRACT

This bibliographical study focuses on "Film as a pedagogical strategy in teaching Geography," which seek to rescue theoretical and experiential approaches to subsidies in Brazilian cinema. Thus, focuses his objective in analyzing the contribution that cinema can offer to teaching geography, as well as assess the relationship between cinema and reality educational partner of the student as a way to seek new knowledge in curricular component of Geography. Thus, the study focuses its thematic axis directed to the topics: the teaching of Geography at present, having as parameter the crisis of study in the classroom, noting the possibilities of working with the accession of Geography subject of learning; cinema in a historical perspective, rescuing him as the seventh art and its operations in Brazil, highlighting the films that represent the motion of the new cinema in Brazil and its characterization and the film in teaching Geography at school, with the resources help; contributions of new technologies in cinema inclusion in the classroom and suggestions and procedures when using film in the classroom teaching of geography, with the central focus of the movie title "House of Sand" a Brazilian film that came in twentieth century, in 2005, which is characterized as the genre 'drama', which is directed by Andrucha Waddington, the outcome happens in "maranhense Linens' of Santo Amaro do state of Maranhão in northeastern Brazil. To do so, we sought literature on authors who address the topic of cinema worked in the classroom as well as its importance in the teaching of geography. Among them especially: Vesentini (2004), Lacoste (1988), Castrogiovanni (2007), Boechat (1998), Campos (2006), Libâneo (2002), Blonde (2003), Geise (2004), Bernardet (1980), Napolitano (2008), Mascarello (2012 - History of World Cinema), Neves (2010), Gusmão and Sampaio (2005), National Curriculum Parameters (1998), among others, to the thematic study.

Keywords: Cinema. Pedagogical strategy. Geography teaching. Reality educational partner of the student.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Iconografia do Filme Casa de Areia	44
Figura 2: Mapa dos lençóis Maranhense	45

LISTA DE SIGLAS

CINEDUC – Cinema e Educação

TV – Televisão

MEC - Ministério de Educação e Cultura

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	11
CAPITULO I	
1 O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ATUALIDADE: CRISE DO ESTUDO EM SALA DE AULA.	13
1.1 Possibilidades de trabalhar a Geografia com a adesão dos sujeitos da aprendizagem.	16
CAPITULO II	
2. O CINEMA: ENFOQUE HISTÓRICO.	19
2.1 A Sétima Arte: o cinema no Brasil.	20
2.2 Conceitos diferenciados.	21
2.3 Características do cinema novo.	24
2.3.1 Filmes que representam o movimento cinema novo no Brasil: Caracterização.	26
CAPITULO III	
3 O CINEMA COM ESTRATÉGIA DE ENSINAR GEOGRAFIA EM SALA DE AULA	29
3.1 Recursos que ajudam.	29
3.2 Contribuições das novas tecnologias na inserção do cinema em sala de aula.	31
3.3 Sugestões e procedimentos ao utilizar o cinema em sala de aula.	33
3.3.1 Características e narrativa o filme “Casa de Areia”.	33
3.3.2 Prática e Atividades em sala de aula.	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	37
REFERÊNCIAS.	39
ANEXOS.	44
ANEXO A: Casa de Areia– Drama – Dirigido por Andrucha Waddington.	44
ANEXO B: Lençóis Maranhenses – Maranhão – Espaço geográfico que retrata o Filme Casa de Areia.	45

INTRODUÇÃO

O presente estudo monográfico integra uma pesquisa sobre a temática do cinema como recurso didático e pedagógico no ensino de geografia. O mesmo tem como parâmetro o trabalho de filmes em sala de aula, como estratégia pedagógica na aprendizagem dos conteúdos geográficos. Pois, pode-se considerar a importância de se resgatar o ensino de geografia através de exposições de cinematográfica em sala de aula como forma de proporcionar um recurso a mais no processo de ensino e aprendizagem do aluno.

O cinema tem sido uma estratégia que favorece efetivamente nas mudanças que insere à problemática do ensino de Geografia em sala de aula. Assim, a exibição de filmes que tratam temas polêmicos relacionados às questões que envolvem a ciência Geografia, vem motivando o aluno a ser um espectador como agente de mudanças no mundo em que vivem, por compreender que o cinema pode proporcionar os momentos não só de lazer aos alunos, mas, também uma forma de entretenimento que favorece em sua aprendizagem.

No entanto, o estudo desencadeia numa pesquisa de caráter bibliográfico, voltada para a importância que o cinema tem ao ser abordado em sala de aula, assim como, permite mostrar a realidade de determinado problema que por ventura encontra-se relacionado aos conteúdos do componente curricular a geografia.

O cinema ao ser trabalhado em sala de aula enfrenta vários problemas, seja de ordem didática, como também, o pouco tempo disponível para serem exibidos. Mas, os resultados apresentados são positivos, pois serve de estímulo para os sujeitos buscar novas formas de aprendizagem da geografia.

Baseando nesses fatos e reconhecendo que é imprescindível procurar estratégias de ensino, visto que a geografia tem sido palco de discussões sobre os baixos índices de aprendizado. Pode-se perceber que o estudo tem como intenção facilitar tais reflexões sobre processo ensino-aprendizagem, que ora é desenvolvido em sala de aula.

No entanto, a realização deste estudo encontra-se distribuídos nos seguintes capítulos. No primeiro foram abordados como tópico o ensino da geografia na atualidade, observando à crise do estudo em sala de aula, enfocando ainda, as possibilidades de se trabalhar a geografia tendo como adesão os sujeitos da aprendizagem.

O segundo capítulo vem mostrar o cinema e seu enfoque histórico, enfatizando o mesmo como a sétima arte e sua atuação no Brasil, levando em conta vários conceitos

diferenciados e as características do cinema novo, com destaque para filmes que representam o movimento cinema novo no Brasil.

O terceiro capítulo direciona para o objetivo do estudo com os enfoques: o cinema como estratégia de ensino de Geografia no espaço escolar, os recursos que ajudam no trabalho com filmes nas escolas, as contribuições das novas tecnologias na inserção do cinema em sala de aula, fazendo o encaminhamento de sugestões e procedimentos na utilização do cinema como contribuição na aprendizagem dos conteúdos geográficos.

Nesse momento o estudo recorre como exposição o filme que trata de um gênero dramático ocorrido no município de Santo Amaro, nos lençóis Maranhense como palco que aborda o cenário e retrato da migração dentro do próprio Nordeste brasileiro.

Portanto, os pontos enfocados culminaram nas considerações finais sobre o tema em tela, mostrando algumas sugestões que podem ser absorvidas no enriquecimento do trabalho educativo com a aplicação do cinema em sala de aula no estudo da geografia, fundamentadas em referências bibliográficas que fortaleceram no desenvolvimento desta pesquisa.

CAPÍTULO I

1. O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ATUALIDADE: crise do estudo em sala de aula

Estudos atuais apontam para as mudanças que vem ocorrendo diante de discussões a respeito do problema do ensino de Geografia em sala de aula. Tal problemática tem preocupado educadores e estudiosos da área, pois o que percebe é que os objetivos que conduzem o ensino atual da Ciência Geografia nas escolas, por vezes não estão presentes no meio educacional, seja em nível fundamental, médio e até acadêmico, pois, o que se percebe é que tais repercussões são pertinentes tanto na geografia física como humana.

Muito embora, apesar de gerar sérios problemas no ensino e conseqüentemente na aprendizagem da Ciência Geográfica, tal problemática foi positiva de certa forma, já que serviu de estímulo para que professores e alunos buscassem inovações presentes na produção de novos modelos didáticos. Porém, negativas, pois, as incorporações dessas mudanças produzidas no espaço educativo – a escola, onde gerou várias propostas didáticas, que ao longo do tempo foram sendo descartada a cada nova concepção conceitual, bem como, na falta de ações concretas que pudesse dar sustentáculos ao professor em sala de aula.

Tal dilema passou a ser visto como mais propriedade nas séries (atualmente anos) iniciais do Ensino Fundamental, que se alastrou aos outros níveis de ensino como um efeito dominó. Assim, sem apoio técnico e teórico, o ensino de Geografia continuou por vários anos até o final do século XX, se apoiando em descrição de fatos que se encontravam enfocados em grande parte dos livros didáticos. Além disso, é importante enfatizar que o saber produzido numa concepção de Geografia sob a ótica de um ensino tradicional, no qual não busca a construção da cidadania do aluno, sem levar em conta os desafios impostos pelo mundo, assim enfatiza Pessoa (2007).

Na mesma compreensão Vesentini (2004, p.220), faz o seguinte comentário:

O ensino tradicional da Geografia, mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “a Terra e o Homem” não tem lugar na escola do século XXI. Ou a Geografia muda radicalmente e mostra que pode contribuir para formação de cidadãos ativos, ou ela vai acabar virando peça de museu.

Diante dessa concepção, torna-se evidente que no ensino de geografia não há uma concordância de opiniões a respeito das estratégias que se possa melhor adequar-se a

realidade atual da ciência, enquanto função sócio-educativa. Embora, já citado anteriormente, que existem várias tentativas de renovar, é necessário aprimorar essas discussões para tal fim.

Reforçando a discussão, Vesentini (2004) propõe que o ensino de Geografia acompanhe a direção da renovação, ou seja, não privilegie apenas o repasse de conteúdos de forma isolada, mas, também que o raciocínio e a sociabilidade sejam contemplados, entre outras estratégias.

Muito embora, ainda persista tanto a prática do professor como também várias propostas de ensino de Geografia que se encontram atreladas nas indefinições mencionadas por Vesentini (2004), como bem mostra num estudo realizado pela Fundação Carlos Chagas nos últimos anos, a qual observa que as propostas curriculares produzidas nesse período, traziam em sua base, o ensino de Geografia com vários problemas, seja de ordem epistemológica², de pressupostos teóricos, bem como, no que se refere à escolha dos conteúdos.

A Geografia, segundo Lacoste (1988) é uma ciência que na sua origem apresentava um forte caráter tradicional na sala de aula. Essa prática tradicional de ensino permaneceu, sendo possível encontrar seus vestígios na sociedade atual. E, como consequência se refletem todos os dias em na sala de aula a pouca importância da disciplina para os alunos, que para obter a média de aprovação ainda continuam memorizando os conteúdos, acabando por gerar um distanciamento da importância do ensino de Geografia diante da realidade que é o de tomar ciente das adversidades das mudanças em todos os setores em que o ser humano esteja ou não inserido, mas, que faça parte dessas transformações. Castrogiovanni (2007, p. 42), comenta que:

Muitos ainda acreditam que a geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nome de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nesta primeira década do século XXI, a geografia, mais do que nunca, coloca seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões [...]. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos.

Diante desse conjunto de fatos, surge a preocupação tanto do professor como do aluno em aprender a Geografia por uma necessidade vital de sobrevivência. Embora existam alguns

²Epistemológica - relacionados à crença e ao conhecimento. A teoria de Platão abrange o conhecimento teórico, o saber. É o estudo sobre o conhecimento científico, ou seja, o estudo dos mecanismos que permitem o conhecimento de determinada ciência. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140, maio/ago. 2010).

fatores que conduzem esse componente curricular a se tornar por vezes até sem graça, com uma constante fragmentação de conteúdos, sob o caráter descritivo insistindo em manter no dia-a-dia do currículo escolar, bem como a falta de aplicação desta ciência na realidade dos alunos. Tais fatores a transformam em uma disciplina chamada em sala de aula de “chata”, cansativa e de pouca utilidade, na visão desses alunos.

Em relação aos professores, esses têm ao seu redor vários recursos nos quais eles podem realizar um trabalho mais efetivo e voltado para os problemas advindos do alunado que escola recebe. Porém, ao invés de aderir a esses recursos, preferem se prender somente ao uso do livro didático, tornando as aulas cada vez mais cansativas, no qual na maioria das vezes não se tem a atenção dos alunos.

Jacques Therrien (2000, p. 76-77), ao realizar pesquisas em escolas públicas com a preocupação de saber como anda o fazer pedagógico, observou a falta de interesse dos alunos que consideram as aulas como ‘chatas e desinteressantes’, assim comenta:

Um dos momentos privilegiado para a convivência são as aulas de geografia, história e de humanas em geral: nestas, a turma fica ainda “mais leve”, aumentam as conversas e as brincadeiras atingem um nível maior de alunos. O mestre então tenta retomar o controle, usando a avaliação como punição [...].

Diante desse relato, pode-se entender que nas aulas de Geografia torna-se um descaso maior por parte dos alunos, pois, na maioria das vezes elas se resumem em leituras de texto geográficos, bem como a resolução dos exercícios cansativos do livro didático e aos apontamentos escritos no quadro, nos quais são expostos fatores que não despertam a curiosidade dos alunos.

Therrien salienta que é possível buscar respostas que amenizem o desinteresse dos alunos, pois, sabe-se que ele reside no fato de que a maioria dos temas são trabalhados pelos professores de forma isolada, sem motivação, de forma a memorizar, não fazendo uma relação direta com o dia-a-dia do aluno, onde a sua cultura é deixada de lado. Assim, esse professor se prevalece quando procura buscar o interesse do aluno através do ato punitivo sob uma avaliação mal conduzida, sem nenhuma relação com aprendizagem do aluno.

Mesmo com a necessidade de melhorar a qualidade de ensino, ainda existem inúmeros professores que fazem o uso do livro didático como sendo seu único recurso, não fazendo uma análise dos textos nele exposto, apenas transmitindo sem nenhuma contextualização, não dando vida aos fatos nele explorados. Atento a essa prática não levando em conta a importância da Geografia dinâmica.

Portanto, cabe nesse momento uma reflexão sobre as discussões aqui expostas a respeito dos problemas do ensino de geografia, de forma que se possa envolver, desde a instituição escolar e a comunidade educacional nela envolvida, de forma que não sejam deixados de lado os fatores sócio-políticos e culturais, uma discussão complexa na qual possa atender aos objetivos aqui propostos.

1.1 Possibilidades de trabalhar a Geografia com a adesão dos sujeitos da aprendizagem

A mencionada problemática do ensino de Geografia é complexa e envolve vários fatores. Assim, a idéia do estudo não é de procurar maneira ou trazer fórmula mágica que possa amenizar tal problema, mas, sim de buscar possibilidades que possa ser trabalhadas envolvendo os sujeitos do processo ensino-aprendizagem, de forma que a mesma seja mais atraente tanto para os alunos como para os professores, e a partir daí os mesmos possam adquirir soluções viáveis aos problemas que enfrentam no mundo em que vivem.

No decorrer da graduação ouvi-se falar constantemente em orientar, inovar, estimular, como trabalhar com aulas dinâmicas, entre outros. Entretanto, a maioria dos professores ainda persiste em trabalhar o método tradicional, tornando assim difícil de os alunos colocarem algum fato ou fenômeno geográfico (que viram e/ou ouviram), em seu dia-a-dia, durante uma possível prática. Permanecendo então, uma teoria que por vezes é espelhada pelos mestres na universidade.

Outra corrente que nos prende a falta de inovação é o ensino voltado para a denominada ‘Geografia Tradicional’, a qual está atrelada à reprodução de conceitos prontos, sem a intervenção dos sujeitos da aprendizagem. Tais estratégias, não funcionam, mas, ainda encontram-se reproduzidas, devido às circunstâncias de ordem mais estrutural ligadas ao fazer pedagógico.

De acordo com Rivero (2007, p.14), se atentarmos ao discurso da maioria dos professores, veremos que este é acompanhado por uma série de “eu” e “meu” e outras expansões subjetivas: “a atividade que eu pensei”, “o livro que eu escolhi”, “o planejamento que eu fiz”, “o que eu acho melhor para ele é...”. Diante desses argumentos, será que em algum momento este professor pensou realmente no seu aluno? Questiona-se também: qual é o real centro do processo ensino-aprendizagem no contexto escolar? Tais indagações nos leva a decidir qual estratégia deve-se trabalhar no sentido de que a geografia deve ser apropriada por todos e não por alguns.

Por vezes a postura do professor conduz o mesmo a ter gostos e preferências que se sobrepõem às dos alunos. Como afirma Ivone Boechat (1998, p. 38) em seu trabalho “Desafio da educação para um novo tempo”. Assim indaga a autora:” Precisamos nos conectar nos sites dos alunos”, ou seja: é mais fácil você chegar a 30, 40 alunos, a partir dos gostos e preferências deles do que atingi-los a partir do gosto “chato” e antigo de uma única pessoa – o professor”.

Para tanto, o estudo em pauta não tem apenas a pretensão de abordar algumas concepções teóricas ou metodológicas sobre educação. Mas, também focar as reflexões sobre a prática pedagógica, que podem tornar os nosso dia-a-dia na sala de aula mais prazeroso, tanto para os professores, quanto para os alunos.

Nesse sentido, observa-se que a prática docente não pode e não deve se restringir ao conteúdo propriamente dito é necessário ir mais além, despertar o interesse do aluno, mostrar a ele que o conhecimento não é algo pronto, acabado, dotado de uma verdade absoluta, e, sim, que pode ser revisto, construído com o seu auxílio, conhecendo sua realidade e valorizando os seus conhecimentos pré-existentes. Pois, no processo ensino-aprendizagem, o aluno necessita ser um agente ativo, importante, valorizado na construção do conhecimento.

Num mundo desenvolvido, dotado de tecnologias que geram inovações constantes, os profissionais de geografia necessitam estar bem informado. Para tanto, a formação desses profissionais necessitam estar adequada a essas novas exigências, acima de tudo, nas mudanças, o diferencial, está em cada professor, consciente do seu papel como educador, como formador de opinião sobre os fenômenos geopolítico e social.

Diante desse argumento, o intuito do estudo é despertar o interesse dos alunos e professores pela disciplina Geografia. E, para que ambos atuem de forma crítica deve trabalhar uma “nova metodologia”, tendo como parâmetro o cinema como recurso nas aulas de geografia. Campos (2006) faz uma menção ao se referir que trabalhar recursos audiovisuais, é uma necessidade do processo didático-pedagógico. Assim, o uso de filmes nas instituições de ensino básico é algo empregado há algum tempo, como bem enfoca Silva (2010), apesar disso, o cinema ainda não é recurso devidamente didático captado para dentro da sala, como esclarece Nascimento (2008).

Para Libâneo (2002, p. 58), em seu livro, “*Os professores e professoras nas escolas hoje*”, faz algumas considerações sobre os meios de comunicação na escola e propõe uma leitura pedagógica desses meios, tais como:

Fazer uma leitura pedagógica dos meios de comunicação é verificar a intencionalidade dos processos comunicativos (de natureza política, ética, psicológica, didática) presentes nas novas tecnologias de informação metodológica e organizativa. Isso ressalta a importância dos objetivos sociopolíticos dos processos comunicacionais e a discussão, pelos educadores, de uma proposta educacional, de um projeto cultural e educativo que tenha origem num projeto de gestão de sociedade.

Portanto, diante do enfoque de Libâneo podemos compreender que os meios de comunicação têm o poder de facilitar na aprendizagem do aluno, pois ao utilizar as novas tecnologias, o aluno pode tomar conhecimento dos fenômenos geográficos e facilitar sua apreensão. Nesse momento cabe a escola o papel de ser um ambiente educacional onde o aluno tenha a oportunidade de se apropriar do conhecimento geográfico.

CAPÍTULO II

2 O CINEMA: enfoque histórico

O Cinema teve seu apogeu com os primeiros trabalhos focados na obra dos irmãos Lumière por volta do final do século XIX em Paris. No Brasil, esta arte surge logo após as exposições dos irmãos Lumière, por volta do ano de 1896. Sua primeira exibição deu-se na cidade do Rio de Janeiro, passando a ser uma novidade fantástica para os brasileiros (BERNARDET, 1980).

Os primeiros trabalhos em relação ao cinema surgem com os filmes de curta metragem, pois, os mesmos eram filmados com poucos recursos (uma câmera parada) em preto e branco e sem a presença do som. As imagens eram exibidas através do aparelho denominado de cinematógrafo, o qual reproduzia os movimentos dos corpos fotografados, a partir daí, criava-se a noção de um filme, algo contínuo em movimento, (BERNARDET, 1980).

Os primeiros filmes produzidos tinham estrutura em espaços do cotidiano de determinados lugares de Paris, como por exemplo, a vista de um trem chegando à estação e pessoas caminhando na cidade. Portanto, foi assim que residiu a novidade: na ilusão. Essa ilusão de verdade, que se chama impressão da realidade, foi à base do grande sucesso do cinema (BERNARDET, 1980).

Em quase todos os países europeus e nos Estados Unidos no fim do século XIX foram-se acentuando as pesquisas para a produção de imagens em movimento. Desde então, os cientistas e artistas não mediram esforços para reproduzir a realidade com meios artificiais. Com o passar dos anos, cineastas criaram novas técnicas de filmagem, expondo novas ideias e pensamentos, incentivando tendências e modificando a cultura em diversas sociedades.

Somente por volta da metade do século XX, surge a produção de filmes de larga escala, pelo fato do desenvolvimento tecnológico e o crescimento da indústria cinematográfica, como bem enfoca Duarte (2002, p. 28), os filmes apresentava características de:

[...] fácil compreensão, construídas de forma linear (início, meio e fim), quase sempre com final feliz (o famoso *happyend*, característico do cinema realizado em Hollywood). Apoiadas em recursos técnicos cada vez mais sofisticados e produzidos em escala industrial.

Para tanto, os filmes produzidos nos Estados Unidos passaram a ser assistidos em escala mundial, criando um dos pontos mais fortes da cultura ocidental. Apresentava em geral, filmes com cenas de excelente qualidade, pois tinha tecnologias e propagandas de órgãos governamentais, como forma de aparelho ideológico do governo dos Estados Unidos.

2.1 A Sétima Arte: o cinema no Brasil

No Brasil, as imagens das telas passaram ser vista como lazer inicialmente, mais logo após passaram a ser compreendida como uma estratégia metodológica no espaço educativo. E, nesse contexto, Louro (2003, p. 423) enfatiza que:

No Brasil dos anos 40 e 50, o cinema era um “evento social” que mobilizava e fascinava uma expressiva parcela da população urbana. O cinema era também, já naquela época, uma instância educativa potente. Poderosamente, sedutoramente, o cinema se constituía como uma nova pedagogia cultural.

Tais tramas passaram a encantar a população produzindo emoções aos indivíduos que assistiam as cenas, que poderia ser de tristeza, alegria, pensar insensatos ou emotivos ou ainda de vitórias. Para tanto o hábito de ir ao cinema contribuiu substancialmente na evolução dos estilos de filmes tais como: aventura, comédia, ficção, ação, entre outros, que foram surgindo com o passar do tempo. E de forma acentuada tais filmes passaram a moldar a maneira de ser, e de comportamento dos jovens das décadas de 40 a 60 do século XX.

Diante desse enfoque Louro (2003, p. 423), faz o seguinte comentário:

O cinema constituía-se numa pedagogia cultural muito abrangente, mas que interpelava de forma expressiva e peculiar a juventude. Essa afirmação provavelmente assume um significado especial quando referia aos anos 50 e 60. Essa época, a “juventude” parece se distinguir, de um modo mais efetivo, da vida adulta, adquirindo um significado especial e particular: seu comportamento, suas roupas, seus corpos, sua música, sua dança, sua linguagem e suas estéticas ganhavam, então, um estatuto próprio.

Apesar das críticas, o cinema no Brasil tornou-se mais do que um meio de diversão e cresceu de tal forma que chegou a ser um acontecimento social e educacional, até os dias atuais. Tendo em vista que existe atualmente o cineclubismo. Monteiro e Machado (2010, p. 100) destacam que em 1970 surgiu no Brasil o CINEDUC – Cinema e Educação, tendo como eixo temático:

[...] as próprias realidades com que atua, partindo do conhecimento do espaço para chegar à ação. Através da linguagem audiovisual, transforma sua ação em atividade lúdica, marcada pelo prazer, expectativa, surpresa, encantamento, buscando a instrumentalização do ser humano como agente transformador.

Nesse contexto, podemos salientar que o filme tem um poder de possibilitar ao ser humano tornar mais informado sobre os problemas sócio educacionais.

No momento atual, na virada do século XX, e a isenção das novas tecnologias em grande escala, grande parte da sociedade não está mais tão ligada ao cinema como antes, pelo fato de existirem outros espaços e meios tecnológicos que transmitem filmes, não havendo necessidade de deslocar-se a uma sala escura com uma tela enorme. Dentre os recursos mais comuns temos a exibição com, *data show* e um computador, em qualquer parede branca que possibilite a projeção, bem como os telões.

Apesar das inúmeras mídias que transmitem filmes e das outras artes existentes como: Arquitetura, Pintura, Escultura, Música, Literatura e o Teatro, que colocadas em ordem pela Academia de Arte na Europa no fim do século XVIII, consagra-se o lugar do cinema como a Sétima Arte. Mesmo com várias formas atrativas da mídia televisiva e outras, o cinema ainda tem o poder de envolver pessoas para se emocionarem com sua linguagem especial, podendo ser empregado como uma ferramenta social, ao expressar problemas sociais, enfocando abordagens críticas sobre diversos conteúdos em várias áreas, principalmente em sala de aula, o qual pode esclarecer e tornar o conhecimento mais dinâmico e acessível durante processo de ensino-aprendizagem.

2.2 Conceitos diferenciados

A compreensão da linguagem expressa no cinema passou a ser a grande arma em sua evolução, pois a expressão de realidade e a ilusão de verdade foi justamente o que contribuiu efetivamente no seu grande sucesso. Assim, passamos a entender que o cinema é imagem em movimento que está associada a uma trilha sonora, o que se compreende como linguagem audiovisual em sua expressão maior.

Portanto para que se possa fazer uma relação estreita do cinema e a Geografia e seu ensino, se faz necessário compreender também o conceito etimológico do cinema que direciona para o objetivo desse estudo. Nesse sentido, temos Teixeira (2005, p.07), o qual enfoca que o cinema tem sua constituição etimológica de origem grega *Linei* e a latina *ciericitus*, ambas as palavras relativas ao movimento das coisas.

Concomitante Chauí (1997, p. 333) faz suas referências a respeito do cinema, enfocando que:

O cinema é a forma contemporânea da arte: a imagem sonora em movimento. Nele a câmara capta uma sociedade complexa, múltipla e diferenciada combinando de maneira totalmente nova, música, dança, literatura, escultura [...] e pelos efeitos especiais, criando realidades novas, insólitas, numa imaginação plástica infinita que só tem correspondente nos sonhos.

Esse movimento abordado por Teixeira Chauí, defendido por Geiser (2004, p.11), como sendo: “[...] uma arte que trabalha com a imagem construída, regra geral, por um conjunto de fotografias que foram tomadas de forma sequencial e impresso sobre uma fita de celulóide”.

Bernardet (1980, p. 124) defende em seu trabalho “*O que é cinema*”, que o cinema é assim conceituado como:

[...] um complexo ritual [...] que envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para este tipo de espetáculo, a publicidade, pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidora que encaminham os filmes para os donos das salas e, finalmente, estes, os exibidores que os projetam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela. Envolve também a censura, processos de adaptação do filme aos espectadores [...].

Complementando a fala de Bernardet, Barbosa (2000. *apud*, CAMPOS, 2006, p. 1), entende que o cinema é:

[...] um sistema complexo que através de tecnologia, iluminação, edição, cenário, direção e outros aspectos, podem contribuir para a construção de imagens de mundo. Muitas das realidades evocadas são ausentes estando presente apenas na imaginação, dissolvendo fronteiras entre o imaginário e o real.

Além de vários conceitos aqui enfocados, o cinema apresenta também um conjunto de variações quanto ao gênero. Por sua vez, o cinema tem sua origem na indústria americana como enfatiza Nogueira (2010, p. 39), e pode ser definido como: “uma categoria ou tipo de filmes, que congrega e descreve obras a partir de marcas de afinidade de diversa ordem, entre as mais determinantes tendem a serem as narrativas ou as temáticas”.

Inicialmente o cinema tinha roteiros cinematográficos que eram ilustrados com figuras nas quais os espectadores apreciavam as imagens que ilustravam passagens vivenciadas. Com o passar dos tempos, esses roteiros foram sendo aperfeiçoados, e o gênero passou a trazer o

espectador para mais perto da tela, como o intuito de popularizar-se, como enfatiza (FRANÇA, 2002).

Com o crescimento do cinema ao longo do século XX surge sua divisão tipológica, as quais promoveram os gêneros cinematográficos, o que para Nogueira (2010, p.1), eram compreendidos como: “um campo amplo e diverso e permite estabelecer relações de semelhança ou identidade entre as diversas obras”.

Napolitano (2009, p.34), reforça a discussão abordando que os gêneros cinematográficos podem ser assim classificados:

- a) Drama- Os filmes de gêneros dramáticos geralmente centram suas histórias em conflitos individuais, provocados por problemas existenciais, sociais ou psicológicos, além do dissenso amoroso ou afetivo. Neste caso, o drama costuma partir de um conflito inicial, uma situação tensa que pode ou não ser reparada no desfecho. [...].
- b) Comédia- Na comédia, situações patéticas, jogos de linguagem verbal ou peripécias que levam a mal-entendidos, envolvendo um ou mais personagens. [...].
- c) Aventura- Na aventura, o elemento que predomina é a ação, opondo o Bem contra o Mal, narrada em ritmo veloz e encenando situações-limites de risco ou morte. [...].
- d) Suspense- No suspense, mais importante do que a ação em si é a trama, o mistério a serem desvendado, as situações envolvendo peripécias não previstas pelo espectador.

Além desses gêneros descritos por Napolitano (2009) existem ainda várias modalidades de gêneros em que o cinema se apresenta, tais como: Animação, Ação, Ficção Científica, Fantástico, *Filmnoir*³, Musical, Terror, *Thriller*⁴, *Western*⁵, entre outros. Portanto, é necessário destacar a importância das narrativas do cinema de qualquer gênero, pois cada um dele tem seu espaço e tempo decorrente à evolução cinematográfica.

³*Filmnoir* (pronuncia-se no-ar) é um estilo de filme primariamente associado a filmes policiais, que retrata seus personagens principais num mundo cínico e antipático. O *Filmnoir* é derivado dos romances de suspense da época da Grande Depressão (muitos filmes noir foram adaptados de romances policiais do período), e do estilo visual dos filmes de terror da década de 1930. Os primeiros *Filmsnoirs* apareceram no começo da década de 1940. Os "Noirs" foram historicamente filmados em preto-e-branco e eram caracterizados pelo alto contraste, com raízes na cinematografia característica do expressionismo alemão. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Film_noir);

⁴*Thriller* é o sexto álbum de estúdio do famoso cantor e compositor norte-americano Michael Jackson. Foi lançado em 30 de novembro de 1982 pela gravadora Epic/CBS Records, como sequência a *Off the Wall*, álbum de 1979 que foi um grande sucesso de crítica e público. *Thriller* explora gêneros semelhantes aos que foram abordados em *Off the Wall*, como o pop, soul, R&B, rock e o pós-disco (http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_western).

⁵ O chamado “cinema western”, também popularizado sob os termos “filmes de cowboys” ou “filmes de faroeste”, compõe um gênero clássico do cinema norte-americano (ainda que outros países tenham produzido *westerns*, como aconteceu em Itália, com os seus *western spaghetti*). O termo inglês *western* significa “ocidental” e refere-se à fronteira do Oeste norte-americano durante a colonização. Esta região era também chamada de *farwest* (extremo oeste) - e é daqui que provém o termo usado no Brasil e Portugal, faroeste (também se usou o termo juvenil *bang-bang*, na promoção das antigas matinês e de quadrinhos). Os *westerns* podem ser quaisquer formas de arte que representem, de forma romaneada, acontecimentos desta época e região. Além do cinema, podemos referir ainda a escultura, literatura, pintura e programas de televisão (http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema_western).

2.3 Características do cinema novo

O Cinema Novo nasceu no ano de 1952, com o surgimento do I Congresso Paulista de Cinema Brasileiro e conseqüentemente no I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro. Estes eventos ficaram marcados por vários debates e encaminhamentos de idéias que já vinham sendo amadurecidas por parte da sociedade que relatava sobre o desmoronamento dos grandes estúdios cinematográficos da cidade de São Paulo.

Tal preocupação da sociedade paulista, seria o desejo de ver um cinema realizado com maior realismo, mais substância e mais barato, inspirado pelo Neorrealismo⁶ dos cineastas italianos e pela ‘*Nouvelle Vague*⁷’ francesa, surgiu o movimento brasileiro, intitulado Cinema Novo.

Em Portugal surge nesse mesmo período uma escola com o nome de um contexto semelhante, ‘Novo Cinema’, o qual garantiu ao grupo paulista como fonte de inspiração e criativo nessa direção.

Nesse contexto, os jovens artistas que participaram nos Congressos realizados no ano de 1952, passaram a definir novos parâmetros que deram base na elaboração dos novos filmes nacionais, que deram início a uma nova etapa na história do cinema brasileiro.

Dessa forma, os ideais do Cinema Novo se expandiram para os artistas cariocas e baianos, que decidiram adotar os mesmos mecanismos em seus trabalhos. Sai então de moda os filmes suntuosos produzidos anteriormente pela Vera Cruz, ou seja, nenhum espaço para a alienação inerente às deliciosas chanchadas realizadas pelos grandes estúdios. Assim, o que se desejava na verdade era o cinema criado com “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”.

Dessa forma o destaque dado ao Cinema Novo, direciona para a esfera dos conceitos a ele atribuídos, em seu auge, tais como: “cinema cabeça ou autoral”. Nesse enfoque é importante refletir que nas telas do cinema se encontrava a realidade do contexto sócio

⁶O **neorrealismo** foi uma corrente artística de meados do século XX, com um caráter ideológico marcadamente de esquerda / marxista, que teve ramificações em várias formas de arte (literatura, pintura, música), mas, atingiu o seu expoente máximo no Cinema neorrealista, sobretudo no realismo poético francês e no neorrealismo italiano. Com o mesmo nome, mas com distinção, pode ser observada uma Teoria das relações internacionais (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Neorrealismo>).

⁷A **Nouvelle vague** (*Nova onda*) foi um movimento artístico do cinema francês que se insere no movimento contestatório próprio dos anos sessenta. No entanto, a expressão foi lançada por Françoise Giroud, em 1958, na revista *L'Express* ao fazer referência a novos cineastas franceses. Sem grande apoio financeiro, os primeiros filmes conotados com esta expressão eram caracterizados pela juventude dos seus autores, unidos por uma vontade comum de transgredir as regras normalmente aceitas para o cinema mais comercial (http://pt.wikipedia.org/wiki/Nouvelle_vague).

cultural, educacional brasileiro, entre outros segmentos, através de uma linguagem que mostrava à realidade social de sua população.

Muito embora enfatizasse essa realidade o cinema passou por momentos em que deflagrava uma estética com predominância de deslocamentos lentos e escassos da câmera, os ambientes apresentam luxo, com destaque conferido aos diálogos dos personagens principais dos filmes, muitos deles filmados em preto e branco. Assim o governo Federal pública o documentário com as etapas do cinema brasileiro tais como:

- a) Durante a primeira etapa dessa escola, que se estende de 1960 a 1964, os cineastas se voltam para o Nordeste como fonte temática, abordando os graves problemas que afetam o sertão. Daí vem à iniciativa do lançamento de ‘Vidas Secas’ (Nelson Pereira dos Santos) e ‘Deus e o Diabo na Terra do Sol’ (Glauber Rocha), que nesse momento ficaram como sendo os diretores mais conhecidos, entre outros como Joaquim Pedro de Andrade, Carlos Diegues, Paulo Cesar Saraceni, Leon Hirszman, David Neves, Ruy Guerra e Luiz Carlos Barreto.
- b) A segunda fase, que vai de 1964 a 1968, reflete a meditação destes cineastas sobre os olhos da Ditadura Militar para a política e a economia brasileira, e as consequências do desenvolvimentismo adotado pelos militares. Surge então ‘O Desafio’ em 1965 (de Paulo Cezar Saraceni), ‘O Bravo Guerreiro em 1968’ (de Gustavo Dahl), ‘Terra em Transe de 1967’ (de Glauber Rocha).
- c) A terceira e última etapa do Cinema Novo, que se prolongou de 1968 a 1972, traz a tona o desgaste sofrido por este movimento, com a repressão e, principalmente, com a censura. Pois, as produções deste período são profundamente inspiradas pelo Tropicalismo⁸.

Passando nesse momento a recorrer ao famoso exotismo nacional, com o uso de pessoas, animais e objetos que caracterizasse o Brasil, por exemplo, a presença de paisagens com índios, araras, e até frutas como bananas, ou seja, coisas típicas do país. Mas, em meio ao declínio, o ‘Cinema Novo’ lança no mercado o clássico que consagrou sua importância, o filme “*Macunaíma*” de Joaquim Pedro de Andrade com participação de Grande Otelo com ator principal, assim, o cinema resgata a obra prima do escritor Mário de Andrade.

⁸Tropicalismo - Movimento cinematográfico surgido no Brasil, na segunda metade dos anos 50, o Cinema Novo inaugura uma perspectiva crítica em relação ao cinema então produzido no Brasil, por estúdios como os da Vera Cruz. Seus diretores, críticos e teóricos procuraram contrapor novas idéias aos valores estéticos de uma cultura cinematográfica dominada por interesses industriais. Seus filmes inauguravam o que se chamava de “aventura da criação” (<http://tropicalia.com.br/ruidos-pulsativos/geleia-geral/cinema-novo>).

Tal entusiasmo pouco demorou, pois, os mecanismos repressivos da Ditadura Militar põem a baixo o interesse desse movimento, obrigando muitos de seus representantes a fugir para outro país. Meio a esse impasse alguns veteranos do Cinema Novo procuram se conformar ao contexto político e resguardas, dando vez aos mais novos que passaram a rejeitar o cenário opressivo, no qual da lugar então ao Cinema Marginal, ficando assim em sua clandestinidade (MASCARELLO, 2006).

2.3.1 Filmes que representam o movimento cinema novo no Brasil: caracterização

Diante dos movimentos surgiram no Cinema Novo filmes que passaram a focar em suas projeções as contestações sobre valores sociais, políticos e estéticos, tendo como enfoque os ideais que se baseavam na pobreza, problemas nacionais, em independência e a anti-indústria, caracterizando por vezes as áreas rurais e urbanas de acordo com a produção. Assim temos alguns filmes que tornaram importantes nesse movimento.

a) Rio, 40 Graus

Filme de Nelson Pereira dos Santos no ano de 1955, o qual aborda uma narrativa simples, em que mistura personagens e lugares de forma a remeter a cidade que era capital do país na época. Considerado um filme aberto por mostrar a população às características simples como um Distrito Federal, onde ressaltava praças da cidade, favelas, praias, governantes e estádios de futebol entre outros. Assim o filme atua mostrando um documentário da cidade do Rio de Janeiro, enfocando os ambientes urbanos.

Caracterizada como uma obra de caráter popular revela as entranhas do povo para a própria população. Nela, não foi abordado em sua simplicidade o artificialismo da fala empolada, pois, a narrativa se desenrola em ambientes naturais, como o Maracanã, o Corcovado, as favelas, praças urbanas, retratando patifes, soldados, favelados, crianças no mundo do crime (História do Cinema Mundial – Fernando Mascarello, 2012).

b) Os Cafajestes

Criado por Ruy Guerra por volta do ano de 1962, em plena Ditadura Militar, o filme apresentava planos sequência com argumentos que aumenta a percepção e transforma o seu real significado. A obra cinematográfica aborda e ao mesmo tempo incorporam uma visão

fragmentada do mundo que vive as pessoas nesse período, reunindo seus personagens num contexto mais amplo de percepção sobre a temática do enredo. Tal preocupação se reflete na forma como filme remete a outra escola cinematográfica chamada *Nouvelle Vague* já que demonstra uma preocupação cosmopolita⁹. O filme também traz a tona em alguns momentos um formato de documentário.

c) Deus e o Diabo na Terra do Sol

Produzido por Glauber Rocha, em plena revolução no ano de 1964, o filme une a mensagem política e a poética. Tem com propósito mostrar a realidade como uma verdade ou imaginação. Nele retrata a imagem do indivíduo que faz o papel do porta-voz da nação, mas, ambientado no sertão.

d) Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro

De Glauber Rocha, lançado no ano de 1968, no qual trata de uma mistura do cordel e a ópera. Tendo como prioridade o lado sertanejo e musical dos personagens atuantes, destacando os ritos folclóricos da população sertaneja.

e) Terra em Transe

Também de Glauber Rocha, produzido e levado aos cinemas em 1968, tem como foco discutir e mostrar os problemas nacionais, resultados dos conflitos sociais os quais aborda os segmentos religioso, cultural e partidos políticos em um só enredo.

f) O Bandido da Luz Vermelha

Produzido por Rogério Sganzerla no ano de 1968, com sérios problemas em seu lançamento, pois, os personagens desse filme não tinham esperança de se concretizar a obra e no decorrer do filme se desestruturam. O filme tratava de um conflito em que o personagem

⁹A preocupação cosmopolita [de Mário de Andrade], que sucede às grandes transformações urbanas do começo do século, corresponde à fase vanguardista, a máscara do 'trovador arlequinal', do poeta sentimental e zombeteiro que encarna o espírito da modernidade e de suas contradições.
<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia>

principal tinha seu lado cruel e violento, mas, mostrava-se também sensível, em algumas cenas. Na tentativa de saber sua própria identidade ele tenta por várias vezes suicidar-se.

O filme define o *Terceiro Mundo* como sendo um lugar marginalizado, onde os seres humanos são facilmente corrompidos e todos são vulneráveis, mostrando assim uma característica forte das condições que se encontrava o Brasil, um país em subdesenvolvimento.

g) A Grande Cidade

Filme idealizado por Carlos Diegues, em 1966, resgata a personagem 'Luiza', migrada do nordeste que ao chegar ao Rio de Janeiro procura seu noivo 'Jasão', e finda descobrindo que ele mora numa favela e que é um temido assaltante. Durante o filme a personagem 'Luiza' tenta salvar o seu parceiro, mas, não sendo bem sucedida em impedir o destino cruel de seu noivo que acaba sendo vítima de conflitos e da grande violência da cidade 'maravilhosa'.

Portanto, temos uma preocupação em focar essa linha literária do movimento social em que desvela o cinema brasileiro, tendo como enfoque educacional a importância do espaço geográfico onde são lançadas mãos dos autores para abordar suas temáticas.

CAPÍTULO III

3 O CINEMA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINAR GEOGRAFIA EM SALA DE AULA

O cinema deve ter uma enorme importância no ensino de Geografia, pois, como estratégia no processo ensino-aprendizagem, ele se destaca como sendo um veículo de comunicação no qual busca resgatar o pensamento crítico dos sujeitos desse processo, como bem enfoca Rocha (2008), essa mudança de postura reflete no aluno o interesse maior pelas aulas de geografia. Apesar de algumas limitações serem atribuídas ao ensino de geografia como, uma baixa carga horária do componente curricular, a estrutura como as escolas se apresenta, sem muitos recursos, sem falar que atrelado a esses fatores está o desestímulo do próprio professor.

Ao se tratar do trabalho desenvolvido com exibição de filmes em sala de aula, nos deparamos com um fator negativo: o tempo da carga horária em cada ano de estudo na disciplina Geografia. Nesse contexto Campos (2006), faz uma menção a essa problemática, com um tempo pequeno, se faz necessário utilizar várias aulas. Mesmo assim o autor atenta para que os professores sugiram que seus alunos assistam aos filmes em grupos em suas residências para uma posterior discussão do problema abordado, fazendo uma ponte com os conteúdos ensinados em sala de aula.

3.1 Recursos que ajudam

Dentre os recursos que podem colaborar no ensino de Geografia na inserção do cinema em sala de aula, temos com mais frequência os 'audiovisuais' como recurso didático-pedagógico que estão presentes em basicamente todas as escolas do país, pois, essa prática vem sendo trabalhada há bastante tempo no ensino básico, por se tratar de um aspecto que é captado como mais facilidade pelo aluno.

Enfatizado por Silva (2010, p. 34), os recursos audiovisuais se destacam no trabalho com o cinema em sala de aula da seguinte maneira:

Dispondo de material diverso, o cinema pode ser um excelente recurso de linguagem na sala de aula, pelas possibilidades de discussão e argumentação de diferentes temáticas que leve o aluno a reflexão de elementos e fatos do cotidiano, em uma sociedade composta pela diversidade.

Justamente pelo fato de o ensino de Geografia abordar a questão do espaço, lugar, território e paisagem, é que os cinemas são bem trabalhados e os filmes são bem aceitos pelos alunos diante desse recurso, como é o caso da TV e vídeos, muito embora não sejam exploradas apenas essas dimensões geográficas em sala de aula, mas, como o conteúdo em si já é explanado pelo professor, torna-se mais fácil de ser compreendida pelo aluno a exibição cinematográfica.

Associado a essa discussão Azevedo (2009, p.101) comenta que: “Veiculando significados sobre lugares e sobre a relação dos indivíduos com os lugares, o cinema vê-se configurado como campo de análise, proporcionando a compreensão de como os indivíduos percebem e representam o espaço” e daí surge às relações de emoções onde cada aluno faz com os lugares enfocados na exibição do cinema. Assim, “os valores, a moral, a ideologia e da ética” (p.101), faz como essa construção do espaço exprima o contexto sociocultural de cada momento.

Para tanto, utilizar exibição de filmes em sala contribui na facilidade da análise e compreensão de imagens, as quais são consideradas fatores externos que favorece de forma eficaz na aprendizagem da geografia por parte do aluno. Da mesma forma, o filme em sala de aula fornece ao educador subsídios importante no desenvolvimento de sua prática pedagógica, a qual facilita nas análises dos filmes fazendo um contexto com os conteúdos de geografia.

Para Costa e Anjos (2011), tais representações é a realidade sócio educativa exposta nos elementos constitutivos do ensino de geografia tais como: o espaço, imagens, problemas sócio econômicos entre outros.

Nesse sentido, o professor necessita estar apto para um melhor aproveitamento e utilização das novas linguagens pautadas nas imagens, visto que produzir conhecimento geográfico não se limita a “conceitos genéricos” (NEVES, 2010). Assim, antes de tudo “o filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar, em um processo de busca de interpretações com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo” (CAMPOS, 2006, p.3).

Exibir um filme e o espaço o qual ele representa estão inseridos vários elementos, numa realidade, tais como: decompor o texto, recriar os fatos, focar o imaginário, como bem caracteriza Neves (2010, p. 148). “Os elementos que estão impressos e que compõem a paisagem geográfica, o cinema os recria, à sua maneira, constituindo de novas formas de perceber e visualizar os espaços (...) explora com o intuito de atribuir sentido a narrativa fílmica”.

Nesse contexto, trabalhar com filmes nas aulas de Geografia é de fundamental importância, pois o cinema pode resgatar imagens que estão em um passo que ainda permanece vivo na sociedade, como por exemplo, um fato histórico, ou mesmo um local onde se passa um fenômeno, onde é tomado por uma câmera, mostrando as características geográficas desse espaço geográfico.

3.2 Contribuições das novas tecnologias na inserção do cinema em sala de aula

A explosão tecnológica nos anos 90 do século XX deu um avanço substancial na produção e exibição no ramo da imagem no Brasil, seja de forma mais simples como ler um jornal, uma revista ou um livro, assistir a programação da televisão entre outros, bem como, de maneira mais complexas como a captação de sinais espaciais de transmissores de imagens como a do 'Brasil Sat', os exames clínicos sofisticados (SILVA, 2007). E, nesse contexto encontra-se a escola que se configura como um espaço educacional que tem o papel de inserir na sociedade tais conhecimentos.

De forma direta ou indireta a tecnologia se faz presente nas instituições de ensino, muito embora não estando ao alcance de todos que fazem as mesmas, um número significativo de escolas já trabalham as tecnologias, em específico com a exibição de cinemas, que tem contribuído no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Tais tecnologias avançam a cada dia, tornando-as mais acessível às escolas trabalhar com o cinema. Nos dias atuais, exibir um filme através dos aparelhos (computador e Data Show), não é mais uma novidade, pois, grande parte das escolas é beneficiada pelos Programas de inserção de tecnologias do MEC, através das Secretarias da Educação dos Estados e Municípios.

Gusmão e Sampaio (2005, p. 99), fazem um alerta aos professores enfatizando que:

É necessário que o professor entre em contato com o mundo dos alunos. O mundo da TV, do Game, do vídeo, do computador. Pois, é preciso que o aluno sinta-se motivado para dar contribuições ao processo de aprendizagem, cabe ao professor inovar, buscar entender e se relacionar com essas novas técnicas do ensino.

Essa contribuição que o professor já tem hoje em sua sala de aula, através de recursos tecnológicos se configura também como recursos didáticos e/ou pedagógicos, se destacando como um forte aliado na aprendizagem do aluno. Tal argumento é reforçado nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN Brasil (1998, p. 141), onde fica claro que:

Na escola, podem ser usadas para obter, comparar e analisar informações, de diferentes naturezas, sobre períodos históricos, fenômenos naturais, acontecimentos mundiais, usos de linguagem oral e escrita etc., por meio de uma apropriação ativa da informação, que gere novos conhecimentos tecnológicos.

Percebe-se então que existe uma grande quantidade de recursos didáticos modernos e/ou sofisticados como os audiovisuais, produtos do desenvolvimento tecnológico. O que para Vieira e Sá (2007) o cinema encontra-se inserido como um recurso que pode trazer a tona à cultura dos educandos.

Explorar “o *ver*, e o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as *relações espaciais*” como bem enfoca Morán (1995, p. 28), é facilitar a aprendizagem de determinado conhecimento, pois, é nesse momento que se pode fazer uma relação óbvia e direta com as coisas que são focalizadas nas imagens exibidas.

No ensino de Geografia a utilização de imagens tem facilitado como compreensão de tabelas, mapas, gráficos e fotos que esboçam determinados fenômenos geográficos, pois para Neves e Ferraz (2007, p. 76), assegura que: “o controle tanto imperativo quanto criativo das imagens, num projeto racionalista da sociedade industrial moderna, optou, por um aspecto, em fazer uso destas a partir do estreitamento lógico das mesmas aos referenciais dos parâmetros da lógica gramatical”.

Muito embora nos dias atuais haja restrição do uso do cinema em sala de aula como um recurso pedagógico. Pois, por vezes persistem também numa cultura em não aceitar o cinema como arte vinculada à educação, entendendo que cinema deve ser uma forma de entretenimento social, apesar das artes mais clássicas, bem como literatura medieval e contemporânea serem enfocadas com maior ênfase no cinema internacional.

Já o cinema brasileiro com os curtas-metragens e as séries, tem contribuído com as discussões de muitos problemas relacionados à educação brasileira na sala de aula. No estudo em pauta delimita o cinema nacional intitulado “Casa de Areia”, que enfatiza a saga de “Áurea”, em 1910, quando ela chega com a caravana do marido e a mãe, num local inóspito, no meio do nada, rodeado de muito céu e areia, no interior do Maranhão Tal produção passou a ser um recurso didático de várias discussões em sala de aula.

Portanto, utilizar um filme como recurso didático facilita a aprendizagem, fazendo com que o aluno encontre uma nova maneira de pensar e entender a Geografia, sendo mais uma opção interessante e motivadora, que não seja meramente ilustrativa e nem substitua aos conteúdos, mas, que seja inserido como recurso crítico e reflexivo de aprofundamento do conhecimento geográfico em sala de aula.

3.3 Sugestões e procedimentos ao utilizar o cinema em sala de aula

A partir desse momento a pesquisa passa a focar algumas sugestões e procedimentos sobre a utilização do cinema em sala de aula. Temos como foco um filme Casa de Areia que se projetou no cinema brasileiro no ano de 2005, tendo como gênero ‘o drama’, dirigido por Andrucha Waddington, locações no município de Santo Amaro, nos lençóis Maranhense.

3.3.3 Características e narrativa o filme “Casa de Areia”

Quanto ao aspecto histórico, o filme foi produzido no ano de 2005, já no século XXI, produzido por Andrucha Waddington escreveu os dois papéis principais para a esposa Fernanda Torres e para a sogra Fernanda Montenegro.

“Casa de Areia” é um filme brasileiro lançado no ano de 2005, que enfatiza um drama o qual aborda um fato ocorrido em 1910, quando o português ‘Vasco de Sá’ leva sua esposa grávida Áurea e a mãe dela Dona Maria, em busca de um sonho que seria viver em terras prósperas, recentemente compradas por ele.

Por outro lado, o sonho se transforma em pesadelo. Depois de uma longa e cansativa viagem com sua caravana, eles descobrem as terras por eles compradas estariam em um lugar totalmente inóspito¹⁰, rodeado de areia localizado nos lençóis, sem a presença de pessoas por perto. Diante do flagelo, Áurea sua mulher pretende voltar seu lugar de origem, mas, Vasco torna a insistir em permanecer, no qual constrói uma casa de madeira para que sua família possa habitar.

Os demais integrantes após a situação encontrada abandonam a caravana de Vasco, onde um acidente provocado na construção o mata deixando Áurea e Dona Maria completamente a sós. Daí, as mesmas partem em busca de ajuda onde encontram Massu, um homem que permaneceu toda sua vida nos lençóis.

Massu, o filho local de um ex-escravo passa a ajudá-las, levando comidas e sal para que as mulheres sobrevivam na casa construída por se marido antes de morrer. Assim, eles aprendem a sobreviver à criação de cabras ao longo dos anos.

Apesar de passar ter certa estabilidade com a amizade de Massu, Áurea grávida pensa em deixar aquele marasmo de areia, mas, decide esperar nascer sua filha. Enquanto isso,

¹⁰Inóspito- *latin* *hospitu*- que não recebe com hospitalidade, diz-se do lugar onde não se pratica a hospitalidade, ou que não agasalha, ou ainda não protege. Que não serve para ser habitado; bravio. *Var pop: inospedeiro*. (<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues> , acesso 20/10/2014).

Áurea e Dona Maria têm que aprender a lidar também a situação instável do local com poucas condições de vida, já que a areia começa soterrar sua casa.

O filme *a Casa de Areia* dirigido por Andrucha Waddington, aborda o drama, de uma mulher que se encontra em pleno deserto com sua mãe, e com a morte do marido é forçada a passar os próximos 59 anos de sua vida tentando de forma desesperada escapar nesse local.

Após certo tempo, Áurea consegue chegar a uma cidade nas dunas do Estado do Maranhão, Brasil, por volta de em 1910, ainda na companhia de sua mãe Maria. Ela está grávida e quer uma maneira de sair daquele lugar árido. Assim, o filme aborda as duas vidas em três gerações, quando nasce a filha de Áurea.

Áurea alimenta a esperança em sua filha Maria, de voltar a capital. Porém, a esperança se transforma em angústia e desespero com o tempo, até que ela procura adaptar ao habitat.

3.3.2 Prática e Atividades em sala de aula:

1º) Planejamento dos conteúdos: enfoques dos Lençóis Maranhenses - NE

Antes de apresentar o filme '*Casa de Areia*' em sala de aula, o professor deve assistir como o propósito de identificar algumas estratégias consideradas importantes, tais como:

- a) Se o filme apresenta um conteúdo pedagógico adequado para cada nível de aluno;
- b) Se tem relação com algum conteúdo pedagógico da turma;
- c) Se contém cenas que vá de encontro aos valores éticos, morais, culturais e religiosos dos alunos.
- d) Ter um conhecimento prévio sobre a temática abordada na obra, sobre os conceitos e valores mobilizados e analisar a qualidade do material fílmico.

O professor precisa também ter um planejamento prévio através do qual tenha clareza dos objetivos que pretende atingir ao utilizar o filme *Casa de Areia*. A partir daí selecionar como serão a apresentação do referido, se o utilizará na íntegra ou somente algumas cenas (selecionar previamente a sequência das mesmas).

2º) Apresentação e execução do cinema

Antes de exibir o filme *Casa de Areia* é importante que o professor informe a turma os dados gerais do filme como autores, diretor (es), roteirista (s), o (s) país (es) de origem, ano de lançamento e contexto em que foi produzido, premiações, entre outros;

Devendo também, justificar para a turma o emprego do filme *Casa de Areia e*, durante sua exibição, procurar ficar dentro da sala de aula atento às reações da turma e pode fazer pequenas pausas para breves comentários sobre o assunto em discussão;

Após a exibição do filme, caso haja necessário, algumas cenas poderão ser revistas, para que a turma veja certos pontos não observados anteriormente.

3º) Debate e reflexão

Ao exibir o filme o professor deve levantar um questionamento sobre o fenômeno(s) e acontecimento(s) geográfico apresentado. Nesse momento, são interessantes questões orais do tipo:

- a) Qual o tema do filme?
- b) O que os realizadores do filme tentaram nos contar?
- c) Eles conseguiram passar a sua mensagem? E justifique sua resposta.
- d) Você aprendeu alguma coisa com este filme? O que?
- e) Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros? Descreva as cenas que você achou que mais se assemelha com a realidade. Quais cenas parecem ser menos realistas? Por quê?
- f) Qual é a síntese da história contada no filme?

Após descobrir os fenômenos geográficos a partir das imagens do filme, como por exemplo, os lençóis Maranhenses como um dos biomas brasileiro. E a partir propor uma discussão com mais afinco sobre.

O professor deve associar o conteúdo do filme com o conteúdo do livro didático que está trabalhando ou que já foi trabalhado em sala. Sem perder de vista que a importância da Região Nordeste do Brasil, em caracterizar o Estado do Maranhão com enfoque aos lençóis localizados no município de Santo Amaro.

4º) Conclusão ou síntese do filme Casa de Areia

Uma caravana segue a busca por um ideal, a luta por um sonho que acaba se transformando em uma triste luta pela sobrevivência em um lugar até então desconhecido, o deserto provocada pelos lençóis de areia.

Como mensagem, o filme retrata a força e a vontade de vencer por um ideal, deve estar acima de tudo. Mas, deve ter cuidado, pois, sonhar é necessário, porém, nem sempre os sonhos se torna realidade daí temos que encarar a vida como ela é.

No filme também apresenta uma mensagem de Fé e Esperança, para os que já desistiram de lutar por alguma coisa na vida, ou ainda para aqueles que também desistiram de lutar

O filme gravado inteiramente nos Lençóis Maranhenses, durante os meses de julho a setembro de 2004, com autorização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - IBAMA, sobre as filmagens nas zonas de amortecimento do parque e nas reservas de proteção máxima.

Considerada pelos críticos do cinema, como uma verdadeira obra de arte, em todos os detalhes, a mensagem é de que *não importa nossas ansiedades, “pois tudo é igual, aqui, ou na lua, apesar da vastidão do universo, o que realmente conta é a paz no coração”*. Trecho do cinema – dito pelo personagem *Maria*.

De forma clara e sutil, o filme mostra a passagem do tempo, as lutas humanas e as diversas forma do amor, bem como a paisagem impressionante dos lençóis Maranhense, e de forma cultural e a interpretação incomparável das Fernandas ‘Montenegro e Torres’, onde ambas fazem os papéis de mãe e filha, e filha e mãe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proporcionou analisar a contribuição do cinema no ensino da Geografia, e com mais profundidade em sua compreensão e importância quando trabalhado em sala de aula, o qual busca motivar tanto o professor como o aluno no processo ensino-aprendizagem de forma que essa aprendizagem seja desenvolvida num estudo prazeroso.

Pois, neste contexto mostra a realidade dos fatos sócios educacionais relacionados ao ensino da geografia e descreve o quanto o aluno aprende ao trabalhar o cinema em sala de aula. Observa-se que a exibição de cinemas no espaço escolar o aluno não apenas se diverte, mas recria e interpreta o ambiente em que convive e se relaciona e conseqüentemente constituirá um melhor aprendizado.

Considerando que os alunos do Ensino Fundamental ou Médio estão num processo evolutivo de crescimento cognitivo se faz necessário propor a esses alunos estratégias didáticas de trabalho. A exibição de um filme em sala de aula proporciona momentos de descontração que pode facilitar nas atividades que contribuem em sua aprendizagem, atividades essas que estão relacionadas ao próprio enredo produzido pelo filme.

Sendo assim esta pesquisa pode oferecer uma reflexão consistente sobre a importância para os alunos vivenciar os momentos que o cinema pode lhe oferecer de modo significativo na assimilação do conhecimento abordado pelo filme que está sendo trabalhado.

Mediante os pressupostos abordados no estudo, a pesquisa mostra a necessidade de buscar novas estratégias no desenvolvimento das atividades voltadas para o cinema no ambiente escolar, pois as mesmas incentivam tanto os alunos como o educador na parte prazerosa de está ensinando e aprendendo de forma divertida.

É importante que o professor tenha uma visão e o conhecimento diante do trabalho desenvolvido com a temática que o filme expõe em sala de aula, para que possa oportunizar seus alunos a um crescimento e uma aprendizagem com prazer e com alegria.

Ao focar o estudo do filme Casa de Areia, o drama busca retratar a dualidade entre a luta contra o movimento das dunas e a busca por um ponto referencial vai marcar a relação desta mulher com o lugar.

Outra análise observada ao assistir o filme, enfoca que enquanto, no chão tudo parece se mover nas areias, no céu que vêm os sinais do tempo. É focado durante o drama das pessoas, outros fenômenos como: a primeira passagem do cometa Halley, o eclipse solar de 1919, os aviões da 2ª Guerra Mundial e a chegada do homem a Lua, em 1969.

Dessa forma, o cenário de Casa de Areia acontece numa região dos Lençóis Maranhenses, destacado como um lugar marcado pelo encontro do mar do Nordeste brasileiro com monumentais dunas de areia branca que se locomovem com a ação vento e pontilhadas de lagoas que contem água mineral.

Neste sentido, estudo pode trazer a oportunidades de ampliar cada vez mais os conhecimentos e aprendizagens sobre a importância de inserir o cinema no plano de curso do componente curricular geografia, pois, esse instrumento sempre envolveu o interesse, curiosidade e prazer de assistir.

Propomos então, que seja através das escolas a transformação do cinema numa estratégia pedagógica, e que o professor passa ser um mediador nessa produção do conhecimento geográfico de forma significativa e prazerosa.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Francisca de. Geografia e Cinema. In: CORRÊA, Roberto I.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Cinema, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EDuerj, 2009. p. 95-128.

BARBOSA, Jorge Luiz. A Arte de Representar como Reconhecimento do Mundo: O Espaço Geográfico, o Cinema e o Imaginário Social. **Geographia**, Niterói, v. 2, n. 3, p. 69-88, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/30/28>> . Acesso em: 05 jan. 2013.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais, O Cinema no Brasil, Distrito Federal: Senado. 1998

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1980. (Col. Primeiros Passos).

BOECHAT, Ivone. **Desafio da educação para um novo tempo**. 1998. 1. Ed. Rio de Janeiro: Reproarte, 1998. P. 38.

CABRERA, Julio. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CASTELLI, R. E. Coleção de Imagens: o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930. In: *Educação Social*, 2010. V. 31, N.111, p. 605-624.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e Sala de aula. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 4, n. 1, p. 1-22, jun. 2006. ISSN 678-698 x. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br /index.php/estgeo/article/.../17...>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

CÁNEPA, Laura Loguercio. Cinema Novo Alemão. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006, p.311-330. (Coleção Campo Imaginético).

CASTROGIOVANNI, A. C. (org). **Geografia em sala de aula – práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2007 (2ed);

COSTA, Cleber dos Santos; ANJOS, Emanuela Maiara Pereira dos. Cinema e Educação: a linguagem cinematográfica e o uso de novas tecnologias no ensino da geografia.

ENCONTRO SERGIPANO DE EDUCAÇÃO BÁSICA – ESER, 4., 2011, Sergipe. **Da Universidade à sala de aula: relações entre teoria acadêmica e prática docente na Educação Básica.**Sergipe: Campus São Cristovão/UFS, 2011. p. 1-11. Disponível em: <[http://eseb.hd1.com.br/textos/Texto_ESEB_%20\(40\).pdf](http://eseb.hd1.com.br/textos/Texto_ESEB_%20(40).pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2012.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando (Org.). **História do Cinema Mundial.** Campinas, SP: Papyrus, 2006. p. 17-52. (Coleção Campo Imaginético).

_____. O Primeiro Cinema. In:_____. **O Primeiro Cinema: Espetáculo, Narração, Domesticção.** São Paulo: Scritta, 1995. p. 1-36. (Coleção Clássica).

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Cinema, Música e Espaço - uma introdução. In: CORRÊA, Roberto I.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Cinema, Música e Espaço.** Rio de Janeiro: EDuerj. 2009. p. 7-13.

DUARTE, K. R.; OLIVEIRA, A. G. NUNES, J. M. Cinema e ensino de geografia: aproximações teóricas e debates metodológicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2002, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2002. p. 1-11.

FRANÇA, André Ramos. Teorias do Cinema e Análise Fílmica. In: _____. **Das Teorias do Cinema à Análise Fílmica.** 2002. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BH, 2002. p. 60-95. Disponível em: <<http://www.andrefranca.com/andre/dissertacao.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

FRANÇA, Kelly Rodrigues Duarte. O Cinema e o Espaço. In: _____. **Especificidades Paraibanas em Cena: Geografia, Cinema e Ensino.**2011. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Geografia) -- Curso de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, PB, 2008. p. 12- 22.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, maio/ago. 2010
FARIA, Elaine Turk. O Professor e as Novas Tecnologias. In: ENRICONE, Dêlcia (Org.). **Ser Professor.** 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 57-72.

FERRAZ, Cláudio Bendito Oliveira. Cinema e Geografia: em busca de aproximações. **Primeiros Passos.** Espaço Plural, [S.l], ano 8, n. 16, p. 75-78, 1º semestre de 2007. ISSN 1518-4196. Disponível em:<[http://e-
evista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/download/.../118...](http://e-
evista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/download/.../118...)>. Acesso em: 20 dezt. 2012.

GEIGER, P.P. Ciência, Arte e a Geografia no cinema de David Lynch. **GEOUSP- Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 15, p. 11-18, 2004. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAtnkAC/cinema-arte-a-geografia-no-cinema-david-lynch#>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

GUSMÃO, David Ferreira; SAMPAIO, Andrecksa Viana Oliveira; SAMAPIO, Vilomar Sandes. O Ensino da Geografia e a Produção/Utilização de Recursos Didáticos. ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., São Paulo. **Anais Eletrônicos**. São Paulo: USP, 2005. p. 6745-6758. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/20.pdf>>. Acesso 15 jan. 2013.

LACOSTE, Yves. **AGeografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução Maria Cecília França. 2.ed. Campinas: Papyrus, 1988.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **O Cinema como Pedagogia in 500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

MASCARELLO, Fernando (Org.). Cinema Hollywoodiano Contemporâneo. In: _____. **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006, p. 333-360. (Coleção Campo Imagético).

MONTEIRO, M.; MACHADO, R. Educação pelo Cinema – Cinema na Educação. ALVES, G.; MACEDO, F. **Cineclube, cinema & educação**. Londrina: Praxis, 2010.

MORÁN, José Manuel. O Vídeo na Sala de Aula. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 2, p. 27-33, jan./abr. 1995. ISSN 0104-6829. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/3927/3685>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: Experiência Cultural e Escolar. In: SÃO PAULO. Secretária da Educação. **Caderno do Professor dois: Luz, Câmera... Educação!**. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2009, p.11-31. Disponível em: <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320090708123643caderno_cinema2_web.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2013.

_____. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. Cinema e Ensino de História: Realidade Escolar, Propostas e Práticas na sala de aula. **Revista de História e Estudos Culturais**, [S.l.], ano 5, v. 5, n. 2, p. 1-23, abr./mai./jun. 2008. ISSN 1807-6971. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/.../Artigo_05_%20ABRIL-MAIO-JUNHO_2...> Acesso em: 05 jan. 2013.

NEVES, Aldo Alexandre. Geografias de Cinema: Do Espaço Geográfico ao Espaço Fílmico. **Entre-Lugares**, Dourados -MG, n. 1, p. 132-156, 1º semestre de 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/.../412>> Acesso em: 20 dez. 2012.

NOGUEIRA, Luiz. **Manuais de Cinema II: Gêneros Cinematográficos**. Covilhã: Livros Labcom, 2010. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/nogueira-manual_II_generos_cinematograficos.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2013.

PONTUSCHKA; N. N. A Geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2002. 111- 142 p.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. Considerações Finais. In: _____. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007. 132f. Dissertação (Mestrado em Geografia) -- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2007. p. 116-121

RAMOS, Luciano. **Os melhores filmes novos: 290 comentados e analisados**. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Fernão (org.). **História do cinema brasileiro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

REVISTA VIVER MENTE & CÉREBRO – agosto - 2005.

RIVERO, Boris Mark Tomelic. **O cinema como ferramenta didática no ensino de geografia**. 2007. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia) – Curso de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2007.

SILVA, Hélio. **História da República Brasileira: A novembrada, o governo Café Filho (1955)**, v. 15. São Paulo: Editora Três, 1975.

SILVA, Josineide Alves da. O cinema na sala de aula: um diálogo com o currículo e o cotidiano escolar. **Revista educação**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 20-35, 2010. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3640915>>. Acessado em: 05 jan. 2013.

SILVA, Valdenildo Pedro da. O Raciocínio Espacial na Era das Tecnologias Informacionais. **Terra Livre**, Presidente Prudente, ano 23, v. 1, n. 28, p. 76-90, jan./jun 2007.

SOUSA, Bruno Jorge de. O cinema na Escola: Aspectos Pedagógicos do Texto Cinematográfico. Universidade Católica de Goiás, Mestrado em Educação, Goiânia – 2005.

STEPHANIDES, Menelaos. **Os Deuses do Olimpo**. São Paulo: Odysseus Editora Ltda, 2001.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel. **A Mulher vai ao Cinema**. Belo Horizonte. Autêntica, 2005.

THERRIEN, Jacques e DAMASCENO, Maria nobre (org). **Artesãos de Outro Ofício: Múltiplos Saberes e Práticas no Cotidiano Escolar**. São Paulo: Ana Blume, 2000.

VESENTINI, José William. Realidades e perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil. In: _____ **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 219-248.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes de. Recursos didáticos: do quadro negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.). **Prática de ensino em Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 100-116.

ANEXOS – A: Elenco do Cinema – Casa de Areia

Iconografia:

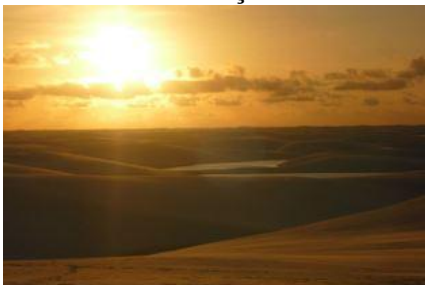
Chegada de Ruy Guerra (Vasco de Sá) aos lençóis Maranhense.



Personagens contracenam



Por do sol nos lençóis Maranhense



Lençóis Maranhense



Elenco: Fernanda Montenegro e Fernanda Torres (sua filha)



Ficha Técnica:

Título original: Casa de Areia

Gênero: Drama

Direção: Andrucha Waddington

Roteiro: Andrucha Waddington, Elena Soárez,
Luiz Carlos Barreto

Lançamento: Brasil ano 2005

Produção: Andrucha Waddington, Leonardo Monteiro de Barros, Pedro Buarque de Hollanda, Pedro Guimarães

Fotografia: Ricardo Della Rosa

Elenco Principal:

- Fernanda Montenegro D. Maria / Áurea, de 1942 a 1969 / Maria, em 1969;
- Fernanda Torres (Áurea, de 1910 a 1919 / Maria, em 1942);
- Ruy Guerra (Vasco de Sá);
- Seu Jorge (Massu, de 1910 a 1919)
- Luiz Melodia (Massu, em 1942);
- Enrique Diaz (Luiz, em 1919);
- Stênio Garcia (Luiz, em 1942);
- Emiliano Queiroz (Chico do Sal)
- João Acaiabe (Pai de Massu);
- Camilla Facundes (Maria, em 1919);
- Haroldo Costa (Capataz);
- Jorge Mautner (Cientista);
- Nélon Jacobina (Cientista).

Prêmios:

O filme ganhou o prêmio *Alfred Sloan* para longa-metragem no Festival Sundance, em 2006, bem como, outros prêmios no Brasil.

ANEXO – B: Mapas dos lençóis Maranhense

Figura – 1: Lençóis Maranhense



Figura -2: Parque Nacional dos Lençóis



Figura – 3: Lençóis Maranhense

